

ILAN BRENMAN

O ALVO

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.


Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.




DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA


UM POUCO SOBRE O AUTOR

 Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

 Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

 Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), dentre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019 tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

Em uma pequena cidade polonesa do século XIX, havia um professor imensamente respeitado por toda a comunidade, considerado por todos um mestre. A cada vez que alguém lhe procurava angustiado com um problema ou dificuldade, ele sempre tinha uma história para contar – e, de alguma forma, ao escutar essa narrativa, a pessoa começava a ver saídas para o seu dilema, a encarar de outro ponto de vista as circunstâncias que até então lhe pareciam insolúveis.

Certa vez, um grupo de alunos curiosos resolveu perguntar ao professor como ele conseguia escolher sempre a história certa para cada pessoa. O velho sábio, como não podia deixar de ser, respondeu com uma narrativa. Contou a trajetória de um arqueiro que, depois de estudar por muito tempo e de muitas maneiras a arte do arco e flecha, se espanta, ao se deparar com um cercado de madeira com mais de cem alvos, todos eles com marcas de flechadas bem ao centro. Quem teria sido capaz de tamanha façanha? Para a sua surpresa e incredulidade, um menino franzino se apresenta como o autor do feito. Conta-lhe, então, que acertar os alvos não tinha sido difícil: primeiro tinha atirado todas as flechas e só depois pintado os alvos em torno. Da mesma forma, escutando profundamente as pessoas, parece dizer o professor, é possível desenhar histórias ao redor delas.

Em *O alvo*, Ilan Brenman divide com seus leitores essa bela narrativa tradicional da comunidade judaica: uma história metalinguística a respeito do ato de contar histórias. Em parceria com Renato Moriconi, que, com refinada sensibilidade, produz ilustrações ao redor de um furo, que acaba funcionando como o centro de um alvo – num jogo

sofisticado que conecta todas as ilustrações do livro e nos revela os meandros do processo de criar imagens.

Dando vida a essa narrativa antiga, autor e ilustrador nos lembram do sentido mais profundo do papel do contador de histórias – e, de alguma maneira, também o do artista, de modo geral –, o de traçar linhas que permitam que as pessoas percebam que é possível enxergar sua própria narrativa de vida de outros pontos de vista, quando nos damos conta de que nos movemos em um pequeno círculo rodeado de círculos mais amplos, que nos oferecem outras possibilidades de sentido.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto tradicional.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.

Palavras-chave: narrativa, contação de histórias, escuta, compartilhamento, sabedoria.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Respeito e valorização do idoso; Educação em direitos humanos; Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

- 1.** Mostre aos alunos a capa do livro. O que eles entendem por *alvo*? Qual é a relação entre o título e a imagem – um círculo perfurado em uma cerca que revela parte da folha de guarda, na qual é possível observar um sorridente velhinho e outro furo que paira sobre sua cabeça?
- 2.** Chame a atenção da turma para o modo como as duas letras O que integram o título aparecem, cada uma, com um círculo escuro no centro – um dos quais aparece atravessado por uma flecha. Será que os alunos percebem como o texto do título, assim como os nomes do autor e do ilustrador, são escritos em uma fonte irregular, como se também estivessem pintados na cerca?
- 3.** Leia com as crianças o texto da quarta capa. Será que seus alunos conhecem alguém que tem o dom de contar histórias? Ou que pareça ter essa habilidade de adivinhar os pensamentos e sentimentos dos outros? Deixe que falem um pouco a respeito dessas pessoas.
- 4.** Chame a atenção para a imagem da primeira página do livro, que mostra um sorridente velho barbudo olhando de frente para o leitor. Acima da sua cabeça, vemos uma linha pontilhada e uma folha que desponta de um furo. Revele aos alunos que essa ilustração, provavelmente, é uma referência à lenda suíça de Guilherme Tell, em que um homem é obrigado a atirar em uma maçã colocada sobre

a cabeça de seu filho, única forma de salvar a vida dos dois. Conte para eles essa história e mostre para as crianças uma gravura que retrate essa situação emblemática.

5. Em seguida, mostre à turma as folhas de rosto, em que a linha pontilhada da página anterior revela a trajetória de uma flecha que atravessa um primeiro furo e atinge um segundo.

6. Sugira aos alunos que visitem as páginas *web* do autor e do ilustrador, indicadas na página 32.

Durante a leitura

1. Chame a atenção dos alunos para os misteriosos furos que observamos nas primeiras páginas do livro, antes de a narrativa começar – eles vão reaparecer em todas as outras páginas. Veja se notam que, em cada caso, o furo circular se torna parte da imagem de uma forma diferente: pode ser a abertura de um túnel, a saída de uma chaminé, um balão de gás, a boca de um menino...

2. Comente com as crianças que as delicadas ilustrações do livro são criadas com uma palheta relativamente pequena de cores: cores mais avermelhadas, que oscilam entre o marrom, o vermelho e o laranja, além do branco e do preto.

3. Será que os alunos percebem como a principal cor das ilustrações torna-se laranja, e não vermelha, a partir do momento em que o professor começa a contar a narrativa do arqueiro, abrindo espaço para uma história dentro da história?

4. Veja se os alunos percebem como o ilustrador opta por criar imagens fundamentalmente bidimensionais, usando comedido os efeitos de profundidade.

5. Proponha aos alunos que estejam atentos aos diferentes sentidos que emergem, no decorrer da história, para a ideia de *acertar o alvo*.

Depois da leitura

1. Leia com a turma a seção dedicada ao autor e ao ilustrador, ao final do livro, em que ambos comentam sua admiração pela história que serviu de inspiração para o texto – cuja origem, segundo Ilan Brenman, “remonta à comunidade judaica europeia, que tinha na palavra sua principal arma contra a intolerância e a desesperança”. O que os alunos sabem a respeito da comunidade judaica? Será que algum dos alunos da turma é judeu? Se sim, pergunte se gostaria de convidar alguém de sua família ou um conhecido para falar das tradições judaicas com a turma. Para você saber mais sobre o assunto, sugerimos a leitura do capítulo dedicado ao judaísmo do *Livro das religiões*, de Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker (Companhia das Letras).

2. Renato Moriconi desvenda o mistério dos furos presentes em todas as páginas do livro ao comentar: “O ponto de partida foi o

furo que simboliza a pontuação máxima do alvo: desenhei as ilustrações em volta dele como o professor fazia com as suas histórias". Distribua para os alunos folhas de papel com um pequeno furo do mesmo tamanho que o do livro e proponha a eles que, assim como fez Moriconi, também criem imagens a partir de um pequeno furo circular, transformando-o em alguma outra coisa. Organize um mural com os trabalhos.

3. A narrativa do livro se passa em Varsóvia, na Polônia, no século XIX. Será que os alunos sabem alguma coisa a respeito desse país? Estimule-os a encontrá-la no mapa e a buscar imagens e informações a respeito dela na internet. Quantos habitantes possui atualmente? Qual é o seu clima? Aproveite para escutar com a turma algumas das famosas *Polonaises*, de Frederic Chopin, um dos maiores compositores poloneses de todos os tempos. Caso os alunos gostem de sua música, sugira que leiam sobre a trajetória do compositor no volume *Chopin* da coleção *Crianças famosas*, publicada pela Callis.

4. Embora o encontro entre religiões diferentes possa motivar intolerância, conflitos e perseguições ao redor do mundo, existem mais pontos em comum do que parece entre as diferentes formas humanas de buscar o contato com o sagrado. Assista com os alunos ao belo curta metragem *Five*, que traça, sem palavras, paralelos entre as trajetórias de crianças pequenas cujas famílias pertencem às cinco maiores religiões do mundo: budismo, hinduísmo, judaísmo, islamismo e cristianismo, mostrando de modo delicado pontos de contato entre elas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQRdLtB2mwk> (acesso em: 22 abr. 2019).

5. O que seria de um povo sem os seus mestres? Depois da leitura da história do sábio professor polonês, que tal apresentar aos alunos as histórias de um mestre muito diferente: o tolo-sábio Nasrudin? Nasrudin era um sábio satírico sufi que viveu e morreu no século XIII em Akhshehir, na atual Turquia. Se o professor polonês de *O alvo* era sensível o suficiente para encontrar uma história que desse conta das angústias daqueles que o procuravam, a sabedoria de Nasrudin estava, pelo contrário, em desmontar expectativas, usar métodos pouco ortodoxos e nunca agir conforme o esperado. Certamente os alunos vão se divertir com suas histórias. Leia alguns contos de *As sutilezas do inimitável mula Nasrudin*, compiladas por Idries Shah (livro digital publicado pela Roça Nova Editora).

6. A arte do arco e flecha tem uma característica peculiar: sua origem se perde no tempo, já que a prática faz parte da tradição de muitas culturas em partes completamente distantes do mundo. Babilônios, egípcios, gregos, europeus, escandinavos, chineses, japoneses, povos originários das Américas – todos eles construíram arcos e os utilizavam tanto para a caça quanto como ferramenta de guerra. Os povos indígenas do Brasil, por exemplo, possuem uma relação bastante forte com a prática e têm buscado mantê-la viva. Assista

com a turma a um registro da prática de arco e flecha nos VII Jogos dos Povos Indígenas, uma confraternização entre diversos povos das florestas brasileiras, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wmXXkXZBDdA&t=13s> (acesso em: 22 abr. 2019).

LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR E COLEÇÃO

- *O que a terra está falando?* São Paulo: Moderna.
- *Cavalo de Troia, a origem.* São Paulo: Moderna

DO MESMO GÊNERO

- *Dez bons conselhos do meu pai*, de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Joty, o tamanduá*, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.
- *Contos budistas*, de Sherab Chodzin Kohn. São Paulo: Martins Fontes.
- *Karu taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. Porto Alegre: Edelbra.
- *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!